

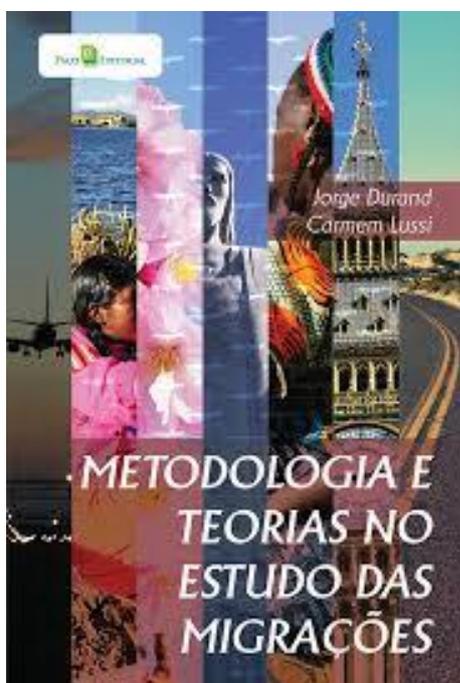
## RESENHA

DURANS, Jorge; CARMEM, Lussi. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.

**Francisco Lima Mota**

Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Guarapuava/PR.

franciscoesiuema@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-9602-3543>



Jorge Durans e Lussi Carmem, na obra *Metodologia e teorias no estudo das migrações*, trazem suas contribuições sobre a temática das migrações, haja vista a escassez de publicações que tratem do tema com aprofundamento, incluindo, na obra, um debate teórico sobre o mesmo.

Na primeira parte do livro, Jorge Durans traz uma análise sobre as metodologias de pesquisa em migrações. Na segunda parte, de autoria de Carmem Lussi, temos uma revisão das principais teorias utilizadas por pesquisadores da temática migração nas últimas décadas do século XX.

Com o título “A arte de pesquisar sobre migrações: pressupostos metodológicos para a pesquisa em ciências humanas”<sup>1</sup>, o autor abre a primeira parte da obra, já evidenciando na introdução que no decorrer do tempo e principalmente pelo avanço da tecnologia, os métodos qualitativos se tornam mais completos e as técnicas acabam se aprimorando. O autor ainda chama a atenção para, além do que fora mencionado anteriormente, o fato de que cabe aos pesquisadores habilidades especiais no trato da pesquisa, já que todo tipo de pesquisa requer um envolvimento pessoal entre as partes envolvidas: objeto *versus* pesquisador.

O autor, ao tratar dos métodos qualitativos, faz menção aos estudos etnográficos como sendo uma simbiose e/ou uma mestiçagem de todos os métodos clássicos de pesquisa, sejam eles científicos ou não (citando a investigação policial como método)

<sup>1</sup> O texto é uma tradução original ampliada do artigo “Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional”.

ocorridos no laboratório ou no campo. Ainda na introdução, Durans (2015) diz que o método de pesquisa adotado na Escola de Chicago está perfeitamente definido a partir da obra de Palmer (1928), na qual o autor apresenta os sete passos que o pesquisador deve realizar para estudar prioritariamente grupos de migrantes. Ainda faz mister mencionar que, além da prática da profissão e da liberdade de improvisar pelo método enográfico, cabe na análise feita pelo autor, um enquadramento, coordenadas espaciais, temporais, teóricas e temáticas para montar o quebra-cabeça no tocante ao alcance dos objetivos nas pesquisas voltadas aos grupos migrantes.

A partir do debate acerca da “Profissão de pesquisar: a abdução, a retrodução e o pensar de reverso”, notamos que os princípios básicos da pesquisa são sempre os mesmos, não mudam no tempo nem no espaço, o que mudam são as técnicas e as metodologias. Ainda na discussão sobre método, o autor referindo-se ao método da comprovação empírica diz que este parece ser tão antigo quanto moderno e, por tentativas e erros, continua sendo válido, indispensável. Para tanto, assevera que a tecnologia ajuda, facilita, resolve problemas práticos, porém, não dá contribuições, isto porque, para o autor solucionar problemas científicos, vai muito além do uso de tecnologias, uma vez que requer criatividade. Em outras palavras, requer alguém que enxergue, além da empiria, uma explicação. Umberto Eco vai afirmar que, para pesquisar sobre migrações, não se pode deixar de lado o contexto do mercado de trabalho, da oferta e da demanda.

Ainda na primeira parte da obra, em a “Imaginação sociológica”, temos a clara distinção entre um pesquisador social e um mero técnico. Essa diferenciação consiste na capacidade de passar de uma perspectiva a outra e no processo do formar-se de uma opinião adequada de uma sociedade total e de seus componentes. Para o autor, a imaginação é uma condição fundamental para a ciência, mesmo nas piores circunstâncias.

Qualquer tema pode se transformar em objeto de estudo, basta verificar o enfoque dado ao problema e quais ângulos que o pesquisador queira adotar enquanto caminho metodológico. Essa menção contida em “A entrada no tema e a importância da porta de ingresso” ainda é reforçada no momento em que o autor é enfático ao afirmar que, em muitas ocasiões, o descobrimento da fresta para entrada de um tema trilhado se dá após anos de reflexão e de leituras sobre o tema.

Ao tratar do “Olho clínico nas pesquisas”, Durans (2015) diz que os temas novos e os fios condutores não se encontram por um ato da sorte, nem por acaso. Usando de uma metáfora, o autor diz que, os novos temas aparecem repentinamente e a capacidade do pesquisador é como a do garimpeiro ao reconhecer a mina.

E conclui relatando que, o olhar clínico do médico, a suspeita do detetive, assim como a olhada experimentada do garimpeiro são maneiras de pensar que requerem experiências em suas áreas específicas do conhecimento científico ou não científico.

E finalizando a primeira parte do livro, o autor diz que a fase final de toda pesquisa é a representação dos resultados, que segundo Durans (2015) não precisa seguir a ordem da pesquisa. Para ele, essa fase trata-se de uma competência, uma prática, uma arte, que lamentavelmente é muito difícil de ensinar e mais ainda complicado de aprender a qualquer hora. “A arte de narrar” torna se um suplício, pois para toda pesquisa (referindo se o autor às migrações) tem que saber introduzir, discutir com autores, apresentar um argumento e concluir, finaliza o autor.

Na segunda parte da obra, com o título “Teorias da mobilidade humana: uma revisão bibliográfica”, a autora Carmem Lussi já nos alerta nas “Primeiras linhas” que as migrações internacionais, conforme dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), compreendem mais de 3% da humanidade, considerando apenas as pessoas que vivem fora de seu país de origem. A autora ainda reforça a tese de que, antes de iniciar um breve panorama sobre as teorias da mobilidade humana, em especial no que se refere às teorias sobre as migrações econômicas, aqui entendidas como migração para o trabalho, é necessária uma aproximação entre mobilidade humana e mobilidade que a globalização nos apresenta enquanto mecanismos sociais e econômicos. Não obstante, a delimitação do objeto da produção textual a seguir, é necessário considerar a complexidade que o tema das migrações envolve, nas conexões que estabelece com outros fenômenos.

Utilizando das pesquisas desenvolvidas pelo geógrafo Rogério Haesbaert, a autora diz que foi a partir da Geografia Humana que a categoria desterritorialização assume um caráter explicativo para entendermos a migração enquanto fenômeno. Para Haesbaert, o território é uma categoria que tem a ver com a mediação de “poder”, algo que os povos imigrantes vivem constantemente nos seus mais variados processos que envolvem reconhecimento junto às comunidades nativas. Para o citado geógrafo, as migrações têm um papel fundamental no processo que faz com que, a cada desterritorialização, geográfica ou cultural, social ou política que seja, acontece a reterritorialização e a hibridação, não no sentido de assimilação ou guetização como foi o modelo colonial, mas no sentido de processos recriadores, geográfica e historicamente, de novas relações de poder e de identidade em um determinado território.

Ao tratar das “Teorias para o estudo da Mobilidade Humana”, a autora diz que este é um fenômeno que se impõe empiricamente à evidência, tanto para teóricos e pesquisadores quanto para agentes sociais e políticos. Alguns questionamentos acerca das

teorias que comprovam ou estudam a mobilidade humana, alguns partem de questionamentos transversais, tais como: Por que as pessoas migram? Por que alguns grupos migram e outros não? O que determina que certos grupos sejam marcados por fluxos de emigração e outros de imigração? Quando e por que acontece o retorno?

No decorrer da “História das teorias das migrações”, temos que o primeiro estudo sistemático sobre o assunto é datado de 1885, ambientado no contexto britânico<sup>2</sup>, em que as análises foram feitas a partir da observação empírica dos fluxos migratórios ingleses daquele momento histórico e dos dados do censo inglês de 1881. Posterior ao trabalho de Ravestein, as obras mais citadas sobre migração são as originárias da “Escola de Chicago”, que por mais de um século foi referência obrigatória sobre os estudos sobre migração e mobilidade humana.

Ao tratar das abordagens que explicam as teorias da mobilidade humana, Lussi (2015) traz num primeiro momento a “Abordagem econômica” para explicar que as causas econômicas são as mais utilizadas para explicar os processos migratórios, bem como as concepções de força maior, como as guerras e/ou os desastres naturais. Na abordagem econômica, faz jus mencionar as contribuições do economista e filósofo escocês Adam Smith na sua teoria neoclássica datada da segunda metade do século XX (décadas de 1960 e 1970), em que o mesmo foca seus estudos sobre migração a partir dos indivíduos que agiriam no mercado de trabalho como atores racionais que decidem pela migração com base em cálculos claros e exatos de custo-benefício.

Ainda na abordagem economicista para explicar as teorias migratórias, a autora utiliza-se da teoria da nova economia das migrações, como sendo aquela que se dá na relação entre migração internacional e desenvolvimento. Nessa mesma direção, temos a teoria do duplo mercado de trabalho como sendo a que é dada pela lógica de que a migração internacional é o resultado de uma necessidade permanente de trabalhadores estrangeiros, inerentes à estrutura econômica dos países desenvolvidos. E, por fim, temos a *world system theory* que tem nas concepções de Marx, a sua base explicativa, ou seja, discorre que as migrações podem ser encontradas nos desequilíbrios institucionais ou setoriais introduzidos no sistema capitalista mundial pelas intervenções dos Estados.

“Em outras abordagens clássicas das disciplinas afins”, vemos que as ciências sociais, atualmente, mais do que questionar o porquê das migrações, colocam a ênfase nos processos humanos e socioculturais, principalmente pelas leituras da economia e da sociologia, em que os estudos referem-se principalmente aos percursos de incorporação

---

<sup>2</sup> Obra do geógrafo inglês George Ravestein com o título **Os baixos da migração – The lows of migrations** (tradução nossa).

dos migrantes nas novas realidades, nas quais a migração introduz os sujeitos e a evolução que as vivências dentro do nosso contexto podem provocar, mesmo em longo prazo. Ainda na direção de explicar as abordagens clássicas no tocante às teorias migratórias, a autora apresenta como sendo de grande valia as abordagens de perspectivas, as de processualidade e as por mosaico.

E como grande contribuição da obra aqui em destaque, Lussi (2015) enriquece os estudos sobre mobilidade/migração nos apresentando “Exemplos de leituras teóricas mais recentes” sobre o tema aqui apresentado. Para a autora, foi a partir da última década do século XX que os estudos sobre mobilidade humana ganham efervescência, a partir de pesquisas pontuais e, normalmente, modeladas a partir das ferramentas metodológicas e conceituais das respectivas disciplinas que tratam do tema, cabendo um destaque para a Sociologia, a Antropologia e as Ciências Políticas como sendo as que mais produziram resultados de pesquisas no tocante ao tema da mobilidade humana.

## REFERÊNCIAS

DURANS, Jorge; CARMEM, Lussi. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.

PALMER, V. **Field Studies in Sociology**. A students Manual. Chicago: The University of Chicago Press, 1928.

Recebido para avaliação em 16/10/2019

Aceito para publicação em 20/12/2019